

BOYHOOD, DA INFÂNCIA À JUVENTUDE

Pois é. É a vida...

Foi com esta frase, sob o efeito da luz da antessala, que saí da escuridão da sala de projeção do cinema, depois de assistir *Boyhood, da infância à juventude*.

Trata-se de um filme sobre a beleza do ordinário, nada é extraordinário. Uma família contemporânea. Um menino e uma menina comuns, cercados de gente comum. Naturalidade é a palavra-chave deste longa.

E a beleza está justamente nas situações mais simples, como uma mãe orgulhosa do filho que está se formando ou uma família cantando em roda. Para mim, foi uma experiência... Uma experiência fascinante e perturbadora.

Não existem grandes momentos. Ou melhor, existem, mas são discretos, sem espalhafato, sem melodrama. Acontece de um jeito em que tudo parece ter o mesmo grau de tensão e relaxamento. Chegar tarde em casa, depois de uma farra de Mason, adolescente, gera um conflito semelhante ao de quase ser agredido pelo padrasto, quando ainda criança.

Assim, há uma história acontecendo na tela que nos leva para associações imediatas e para a concretude da nossa existência, e por que não dizer da nossa clínica. Para as infinitas possibilidades que temos de olhar e privilegiar ou não, fatos, ações ou acontecimentos. Porque, na vida, tudo acontece sem trilha sonora...

Não me recordo de antes ter assistido no cinema à narração de uma sequência de forma tão linear, direta e emocionante. O projeto do diretor Richard Linklater, de filmar uma família, com os mesmos atores/personagens, e ir construindo a narrativa ao longo de doze anos é, no mínimo, bastante ambicioso e corajoso.

Ele se abstém de construir seus personagens de forma maniqueísta, de certa maneira comum no cinema. Ninguém é só bom ou só ruim. Um padrasto que em alguns momentos é acolhedor e em outros violento. Um pai que não se responsabiliza por si mesmo no que se refere à sua manutenção, seu sustento, mas que cuida da construção de uma relação afetiva e comprometida com os filhos, no que se refere a ampliar vivências e visões de mundo. Uma mulher responsável por si mesma e pelos filhos, mas que, num determinado momento, coloca os filhos em situação de risco.

O filme oferece a possibilidade de rever conceitos bastante presentes no senso comum, como a de que pais separados são necessariamente “um problema”. Mas, o que vemos é um relato, que poderia ser nomeado por “um caminho possível para o desenvolvimento de crianças com pais separados”.

Mantive-me o todo o tempo na expectativa de que fossem apresentadas as consequências emocionais negativas, que as ações e escolhas dos pais pudessem imprimir nas crianças. Perguntei-me, em vários momentos que me perturbaram, quando e qual seria o efeito nas crianças diante desses acontecimentos, que eu nomeei de mais intensos e/ou violentos...

No início do filme, me perguntei: A que se deve o fato de filhos pequenos receberem um pai que desapareceu por ano e meio, como se o tivessem visto no dia

CLARICE S. TOPCZEWSKI

Psicóloga, Terapeuta Individual e de Casal e Família pelo Instituto Famíliae, ex-docente do Instituto Famíliae, Supervisora do CEAF, ex-Coordenadora do Projeto Cine Família do CEAF (Centro de Estudos e Assistência à Família)*

anterior? Com carinho e alegria. Estranho! Eles não se mostram magoados, nem revoltados. Onde se apoia esta atitude das crianças?

Logo me dei conta de que Olivia (mãe), embora não concordasse com as atitudes de Mason (pai) diante da vida e não quisesse compartilhar sua vida com ele, não impedia a relação e convivência dele com os filhos e também não se colocava de forma antagônica. Em nenhum momento desmerece ou desvaloriza o pai para as crianças. No período em que ele esteve ausente, ela conversava com o pequeno Mason sobre o pai; onde ele poderia estar; o que poderia estar fazendo. Chega a revelar com naturalidade para o filho que gosta dele, mas que não quer estar casada com ele.

A partir da informação sobre a mudança da família para outra cidade e o questionamento do menino de que o pai não irá encontrá-los, ela responde com tranquilidade que ele os encontrará, perguntando à avó dele ou por meio de uma rede social. Mesmo o pai estando afastado durante tanto tempo, ela não se refere à possibilidade de ele não mais procurá-los.

Nesse sentido, em nenhum momento, observei indícios de algum conflito de lealdade nas crianças em relação aos pais.

Achei interessante a complementariedade espontânea desta mãe e deste pai, tanto no que se refere ao jeito de cada um estar no mundo como na relação com as crianças.

Vemos uma mulher corajosa, que enfrenta a vida com garra e firmeza, batalhando por seus objetivos e um homem, sem grandes ambições, pouco comprometido com sua própria subsistência, levando a vida em busca de ideais, que não se concretizam.

Por outro lado, este homem constrói com os filhos uma relação baseada no respeito pelos interesses de cada um e na intimidade. Abre para eles a possibilidade de falar, conversar sobre qualquer coisa e de olhar para o mundo de forma mais holística, valorizando a cultura, a música, a política e o contato com a natureza. Quando está com os filhos, está integralmente.

Olivia, muito comprometida com o cuidar de seus filhos, oferece para as crianças a continência e o acolhimento emocional, ao mesmo tempo que os ajuda e dá espaço para que eles próprios elaborem e resolvam suas questões.

Mason filho passa pela violência de ficar com a cabeça raspada a mando do padrasto, sem ser informado anteriormente, e relata sua mágoa para a mãe. Ao mesmo tempo que esta é continente com os sentimentos do menino, não faz desse episódio uma tragédia. Oferece ao filho alternativas de lidar com o fato...

Ao decidir sair de casa com os filhos, deixando tudo para trás, Olivia não se curva ao autoritarismo e violência do marido e firmemente, se coloca como responsável maior pelos filhos... E embora se abale com as queixas da filha em relação a ter saído da casa sem nada, roupas e pertences, ela se coloca firmemente, expondo suas razões concretas e não se deixa envolver pela atitude, até esperada da adolescente, de inconsequência e egocentrismo.

Uma fala de Mason filho, já um jovem adulto se referindo a um momento de conflito, revela efeitos da relação com essa mãe: "Se até minha mãe que é tão determinada, que no meio do caminho fez faculdade de psicologia e mestrado, também fica confusa, eu também posso..."

Ela se responsabiliza integralmente pelas crianças, mas não deixa de fazer suas escolhas pessoais. Vivencia suas relações amorosas, casando e descasando de

acordo com seus desejos. Assume suas escolhas... Revê suas posições e toma decisões a partir das suas avaliações.

As crianças se mostram seguras como resposta a uma mãe forte e determinada, mas também sensível e flexível.

No final do filme, já com os filhos jovens adultos, ao falar de sua intenção de mudar da casa para um apartamento menor, Olivia, sem deixar de entrar em contato com seus sentimentos de medo e tristeza pelo porvir, convida os filhos a assumirem suas escolhas e autonomias.

Olivia se sustenta e não se deixa esmorecer diante das dificuldades da vida. Vai atrás e consegue seus objetivos...

Sem dúvida, é uma mulher que deixa vários legados para os filhos.

Mason filho se interessa e faz sua escolha de formação profissional voltado para a arte e mais especificamente para a fotografia. Talvez essa seja uma escolha feita a partir da relação com o pai.

Não há como não compartilhar a ideia de que crianças precisam de um lugar seguro para se desenvolver, tanto sob o aspecto físico como o emocional e social. Resta pensar o que significa um “lugar seguro”.

Será um lugar sem contratempos? Sem incertezas? Sem decisões equivocadas? Sem violência? Sem grandes mudanças? Sem instabilidades econômicas? Sem instabilidades emocionais? E isso é possível? Existe?